



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO EXTRAORDINÁRIA PERMANENTE DO MEIO AMBIENTE

PRESIDENTE: REGINALDO TRIPOLI

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 05/06/2018

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Exibição de imagens

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) - Bom dia a todos. Declaro aberto dos trabalhos da audiência pública da Comissão Extraordinária Permanente de Meio Ambiente, no dia 5 de junho 2018.

Estão presentes os Srs. Vereadores Fabio Riva e Davi Soares regularmente convocados.

Informo que esta reunião está sendo transmitida pelo Portal da Câmara Municipal de São Paulo no endereço www.camara.sp.gov.br no link Auditórios Online.

Consumo de plásticos na cidade de São Paulo em comemoração - que não deveria ser uma comemoração - ao Dia Mundial do Meio Ambiente.

A Vereadora Soninha acaba de chegar para compor a Mesa. Gostaria de agradecer a presença dos nobres Vereadores. Foi um prazer ter comigo nesta batalha da Comissão. Soninha foi convidada há 10 dias pelos Vereadores para fazer parte da Comissão. Estou honrado em ter comigo essa querida, que é uma batalhadora das causas sociais e ambientais.

Gostaria de agradecer a presença dos nossos palestrantes e fico muito honrado e agradecido de coração pela presença porque são pessoas que vem estudando assunto há muito tempo e têm muito a contribuir com a cidade de São Paulo e como o Brasil no aspecto do lixo, principalmente do lixo plástico.

Agradeço a presença da jornalista Paulina Chamorro, representando a revista *National Geographic*. Ela assina um artigo na edição de Junho falando de iniciativas sobre o problema do plástico no Brasil. Obrigado, Paulina por estar aqui com a gente.

Agradeço também o editor da revista Ronaldo Ribeiro que deu apoio a este encontro. Obrigado e parabéns pela edição que eu acabei de ganhar. Acho que é mais uma edição histórica para a revista e para o País falando a fundo da questão dos plásticos.

Ainda na Mesa temos a presença da Dra. Leandra Gonçalves, pesquisadora do Instituto Oceanográfico da USP, uma das pessoas com maior conhecimento em políticas públicas e ambientais e desenvolvimento sustentável. Bem-vinda, doutora.

Gostaria de agradecer a presença do Vereador Gilson Barreto que faz parte da nossa Comissão, meu Vice-Presidente na Comissão de Meio Ambiente, chegando aqui agora. Obrigado.

Boas-vindas também ao ambientalista, surfista, meu colega João Malavolta, coordenador do Instituto Ecosul, é consultor associado da ONU para o meio ambiente de quem eu já ganhei um presente que é *Last Straw*, que é o último canudo que veio diretamente de Londres para ensinar um pouquinho para a gente que tem condição de trabalhar com os biodegradáveis de verdade. Que possamos consumir sem agressão à natureza.

Fernanda Daltro, coordenadora da campanha Mares Limpos, da ONU, do meio ambiente.

A maioria dos palestrantes veio de longe, de mala logo cedo. Agradeço muito mesmo a presença e a contribuição para esse processo que não é um processo partidário, não é um processo de um vereador. É um movimento que nós estamos querendo ajudar a fazer como os legisladores da Capital e acho que a gente tem certa força e a gente tem que usar essa força para uma campanha não só a questão da lei, que eu não diminui a importância desse PL que eu propus da proibição do uso dos canudos na cidade de São Paulo, mas o mais importante é o movimento e a conscientização das pessoas do que está acontecendo no nosso planeta com os nossos hábitos, o que os nossos atos nos trazem de problemas para nós mesmos e para futuras gerações.

Gostaria de anunciar a presença do Deputado Federal Ricardo Tripoli, que eu conheço há pouco tempo e do Deputado Estadual Roberto Tripoli, Presidente da Comissão Estadual de Meio Ambiente, da Assembleia Legislativa de São Paulo, com quem aprendi muito nessa questão ambiental. No começo apanhando um pouco, mas depois eu acho que eu melhorei bastante.

Queria convidar o Roberto também para compor a Mesa.

Meus irmãos foram as pessoas que introduziram essa questão ambiental dentro da

família, da minha casa, e eu cresci vendo e aprendendo muito com os movimentos dos anos 70, dos anos 80. Isso foi importante para eu chegar aqui agora.

Tem a palavra o nobre Vereador David Soares.

O SR. DAVID SOARES – Sr. Presidente, para entender o andamento dos nossos trabalhos hoje. Temos vários requerimentos a serem apresentados na Comissão. Claro, que não estão prontos neste momento, mas serão apresentados até o fim da audiência pública.

Gostaria de mencionar os assuntos pelas quais eu estou postulando aqui para que na próxima reunião seja feito um convite a Sabesp, o seu representante legal, juntamente com a Secretaria do Verde para explicar e apresentar os investimentos e as ações que estão sendo feitas nos últimos três anos.

Estamos completando quase quatro anos da maior crise hídrica de todos os tempos na cidade de São Paulo. A base dela é a questão que se seguiu a destruição completa das matas ciliares, principalmente ali na região da Represa do ciclo ali da Cantareira, Norte do Estado de São Paulo, e até hoje não se tem um plano concreto. Foi feito uma série de trabalhos emergenciais, foram feitas obras muito importantes pelo Governo do Estado na questão de conectividade entre as bacias. Mas até hoje não se tem um plano concreto na questão das nossas matas ciliares, que são essenciais aos processos de recuperação dos nossos recursos hídricos.

Seria importante eles virem aqui para apresentarem a justificativa até mesmo para nós que somos o maior consumidor cidade São Paulo. A própria Prefeitura de São Paulo - se for possível realizar no mesmo dia – venha apresentar o plano atualizado de limpeza de córregos, pois parece que esse tema morreu na cidade de São Paulo. Não se fala mais nada, ninguém reclama mais nada, está tudo bem, mas quem anda na periferia sabe que não está nada bem.

Então, é importante a Prefeitura vir e também apresentar explicações para nós.

Por outro lado, só deixar ciente a V.Exa. que eu vou ter que me retirar um pouco

antes do fim desta reunião, que será apresentado pela minha assessoria esses requerimentos.

Já pedi a licença aos colegas aqui hoje e demais participantes.

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – Perfeito, Vereador David.

Tem a palavra, pela ordem, a nobre Vereadora Soninha.

A SRA. SONINHA FRANCINE - Vereador David, se ainda estiver em fase de redação e o senhor concordar, eu queria acrescentar um item nesse convite para que eles falem também sobre um projeto que a própria Sabesp realiza no interior de São Paulo, de produção de biometano. A Sabesp tem uma estação, se não me engano, em São Carlos, em que abastece veículos com metano produzido a partir do tratamento de esgoto. É muito bacana. Por que só em São Carlos? Então, quero saber a possibilidade de essa tecnologia ser implantada, também, nas estações de tratamento em São Paulo.

O SR. DAVID SOARES – Eu proponho a V.Exa. fazer um requerimento a quatro mãos. Fica bem mais elaborado.

Esqueci só de falar a coisa mais importante. Parabéns por esta Audiência Pública. Este tema é muito importante. Há temas parecidos, aqui, na Casa. Há até um projeto meu, que cria o Banco Municipal do Lixo, que é uma coisa que também deve ser pensada. O que V.Exa. está propondo é de extrema importância. Parabéns, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – Muito obrigado, Vereador David Soares. Obrigado, Vereadora Soninha Francine, pela contribuição. Eu recebi a informação de que os requerimentos só podem ser colocados após audiência, mas nós faremos isso em seguida. Quanto a essa contribuição, acho que esses requerimentos não são só de cada Vereador, mas da própria Comissão como um todo.

Gostaria só de falar um pouquinho da dinâmica, aqui, da nossa reunião. Como temos um tempo curto, que é das 11h às 13h, quero pedir a todos que vão bem direto ao ponto, para que todos tenham a possibilidade de falar. Nós vamos escutar os palestrantes, os Vereadores e vamos dar a palavra às pessoas que estão na plateia. Com até três minutos,

cada um pode vir fazer sua colocação. Eu só peço que quem quiser falar se inscreva ali, à mesa ao lado, do lado direito, com a assessoria.

Gostaria de agradecer a presença de algumas pessoas: Nina Rosa, nossa querida protetora dos animais, do Instituto Nina Rosa; Mariana Bertelli, da ONU Meio Ambiente; Raquel Lange, da Parangolé, empresa de descartáveis sustentáveis da cidade de São Paulo, que faz um trabalho incrível; Atamy Balabi?, do Instituto Argonauta; Carla Castilho, da Abiplast; Paula Pariz, da Abiplast, também; e meu amigo Carlos Sarli, da Editora Trip.

Gostaria de dar a palavra, inicialmente, aos nossos palestrantes. Sem muita escolha, peço à Sra. Fernanda Daltro que faça suas colocações, aqui, para nós. Chegou cedo, hoje, a Sra. Fernanda. Gostaria, também, de aproveitar e dar os parabéns para os aniversariantes do dia. Nós temos aqui uma aniversariante que, no dia de trabalho, veio contribuir com a nossa Audiência Pública. Muito obrigado. Parabéns! Vida longa! (Palmas)

A SRA. FERNANDA DALTRO – Olá. Bom dia a todos. Temos um videozinho para deixar passando no telão, aqui atrás.

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – Eu vou sair enquanto a senhora apresenta. Eu acho que é melhor ficar do outro lado e assistir ao vídeo com mais facilidade.

- Reprodução de vídeo.

A SRA. FERNANDA DALTRO – Eu vou começar de novo. Bom dia a todos. Obrigada pelos parabéns. É um prazer estar aqui, com vocês. Ficamos muito felizes de ver que esse tema está chegando, finalmente, às pautas e que mais e mais legisladores estão preocupados em todos os níveis.

Eu estou colocando isso, aqui, para vocês. Eu não vou trazer uma apresentação formal. Vou só conversar um pouquinho. Eu acho que esse vídeo do mergulhador em Bali é suficientemente impactante e representativo do problema que estamos enfrentando. Esse vídeo é deste ano. O mergulhador ficou chocado com aquilo. Ele tinha a oportunidade de filmar e essa é a realidade que ele encontrou em um dos lugares mais paradisíacos do mundo, com

altíssimo turismo. Há muita busca e é o sonho de consumo de várias pessoas fazer turismo até ali.

A grande pergunta é: por que todo esse plástico está aí? De onde veio todo esse plástico? Qual é a razão de, em um lugar bonito como esse, você mergulhar no plástico? Então, o que podemos concluir? O que podemos inferir disso?

Nós, atualmente, como sociedade, temos um consumo excessivo do plástico descartável. É interessante diferenciar o plástico descartável que é evitável daquele plástico descartável que muitas vezes é necessário. Então, estamos falando, aqui, daquilo que é consumido de maneira excessiva e, às vezes, desnecessariamente. Podemos visualizar por ali uma série de tipos de plástico. É claro que nem todos são os típicos plásticos descartáveis, como, por exemplo, uma sacola plástica, um canudo. Há muitas embalagens de alimentos, até embalagens de produtos de limpeza.

Tudo isso acaba, de uma forma ou de outra, chegando aos oceanos, seja por falta de uma gestão de resíduos sólidos adequada, seja por um motivo, por exemplo, natural ou uma enxurrada que acabou levando mais lixo para lá. Esses fatores são diversos, mas todos os elos dessa cadeia têm uma parte de responsabilidade.

Quais são os elos dessa cadeia? É o consumidor, de fato, que demanda, que aceita o plástico descartável, que usa, que descarta incorretamente. É o Município ou é o País, que tem um sistema de gestão de resíduos não muito eficiente, que pode ser melhorado. É, também, uma ausência ou uma fraqueza da legislação daquele local, que poderia tentar regulamentar melhor alguns itens. Porém, é, também, um problema da indústria, que, muitas vezes, coloca produtos no mercado sem se preocupar com o final do ciclo, sem se preocupar com o fim da vida útil daquele produto. Também temos outro fator, que é o setor pesqueiro, que tem uma contribuição significativa para o lixo plástico que se encontra no mar.

Entretanto, voltando um pouquinho para a indústria, a produção de plástico, desde 1950, chegou a um patamar de 8,3 bilhões de toneladas no mundo todo. Boa parte desses 8,3

bilhões de toneladas foi produzida neste século. Isso significa que a nossa demanda e a nossa produção de plástico – então, tanto o consumidor como a indústria – vêm crescendo de maneira vertiginosa. A expectativa é dobrar essa produção industrial nos próximos anos e, em 2050, chegar a números absurdos, de 33 bilhões de toneladas de plástico já produzido pela humanidade.

O plástico é um produto sintético. Ele não se biodegrada de forma alguma na natureza. Então, todo o plástico que nós produzimos, se ele não foi incinerado, se ele não voltou de uma forma para o processo produtivo, está por aí. Ele está nos aterros. Ele está nos oceanos. Ele está no Meio Ambiente. Ele está nas cidades.

Ele até está, em parte, nas nossas casas. Obviamente, temos aquele plástico que foi feito para durar. Então, são os tubos que estão nas nossas casas e há aquele plástico que tem essa função, mas o plástico descartável, não.

Então, hoje, nós, da ONU Meio Ambiente, estamos muito felizes em estar aqui, discutindo a questão do canudo plástico na cidade de São Paulo, porque é emblemático. É educativo e não deixa de ser parte do problema. O canudo pode parecer uma coisa insignificante, mas, na verdade, ele é um dos 10 itens mais encontrados em limpezas de praias e limpezas de mares que temos, reportados, no planeta todo. Então, significa que é um problema. Ele está próximo do mar nas cidades turísticas costeiras, mas não só lá. Temos de ter muita consciência de que, dentro do continente, nós também contribuimos para o problema e não importa, também. O problema não está só nos oceanos. Estamos poluindo o planeta com plástico.

Então, nós vemos com muita satisfação este movimento, aqui, em São Paulo. Que ele possa ser efetivado. Que ele, de fato, como bem colocou o Vereador, tenha um apoio da sociedade, um trabalho de sensibilização, trazendo um depoimento pessoal, nós estivemos em San Diego, na Califórnia, alguns meses atrás. Lá é um dos poucos lugares no Planeta que já tem uma legislação de banimento de canudos, mas isso não significa que nós não vimos

canudos absolutamente em todos os bares que nós entramos.

Esse trabalho voltado também para o setor de bares, restaurantes, hotéis para conscientizar de que importante de que eles parem de colocar o canudo sem ser pedido. Muitas vezes você pede uma água e chega um copo com canudo. Qual é a real necessidade disso? A mobilização desses setores é algo que vai fazer com que essa lei pegue, que não é um termo bom, mas que essa lei aconteça de verdade e que a gente sensibilize as pessoas e que passem a compreender porque elas vão abrir mão desse item que é mera conveniência no nosso dia a dia.

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – Esse é um assunto que a gente ficaria horas ouvindo. Você tem muita informação para dar. Hoje é um dia que a gente veio escutá-los mesmo porque com a audiência pública aprendemos muito, temos muitas informações e isso é que a gente quer para sair com uma campanha autêntica e com dados bem reais da situação.

Tem a palavra o Sr. João, que vai dar uma palestrinha para a gente sobre a questão do surfe, das praias e do que o plástico está fazendo com a gente.

O SR. JOÃO – Gostaria de agradecer a oportunidade no dia que celebramos essa data especial, que é o Dia Mundial do Meio Ambiente e cumprimentar o Vereador, sua equipe e os demais Vereadores por estarem prestigiando também, compondo essa comissão extremamente importante para discutir as questões ambientais no município de São Paulo e, sobretudo, quero fazer uma sudação muito especial às minhas colegas e amigas da Mesa, sem dúvida alguma são minhas referências. A Leandra eu conheço há muito tempo. Por volta de 2006 foi a coordenadora da campanha de oceanos do *Green Peace*, foi a primeira oportunidade que eu tive de estar com ela e depois a gente tem uma história de parcerias em algumas pautas.

Paulina, minha colega de profissão, jornalista, pessoa incrível e a Fernanda, das oportunidades que vem oferecendo ao Instituto Eco Surf de atuar dentro da agenda de campanha mares limpos do meio ambiente. Vou apresentar para vocês um pouco do trabalho

do Instituto Eco Surf. Eu costumo dizer que o que vou mostrar para vocês se mistura com a minha história de uma pessoa que nasceu a beira mar e essa história de alguma maneira tem rebatimento 100% do que a gente está tratando aqui hoje, que é falar sobre a poluição por plásticos, sobre o cano de plástico.

O Eco Surf é um instituto que nasceu na virada do século, no ano 2000, é uma organização da sociedade civil brasileira que tem como missão empoderar o surfista para a atuação em causas públicas, proteção das praias, ondas, rios e oceanos. A Eco Surf entende o surfista como um sentinela das zonas costeiras, um sentinela do ambiente marinho. Uma vez que esse indivíduo passa boa parte da sua vida de frente para o mar e dentro dos oceanos.

A partir dessa visão a gente entende o surfista como um sujeito social que já tem uma relação de pertencimento com esse ambiente frágil, que são as zonas costeiras, e a partir dessa relação ele tem uma compreensão muito ampla sobre os fenômenos que acontecem nesses lugares. Então, a gente entende o surf e o ecosurf como um lugar onde se permite a produção de cultura, a prática de filosofia e o cuidado com o meio ambiente. Então, a gente tem esses comandamentos sobre a ecosurf, que fala sobre engajar os surfistas para atuação em causas públicas, contribuir para o enfrentamento da poluição dos mares, organizar a comunidade do surf para o despertar da consciência ambiental, acenar a cultura de paz e solidariedade, unir os povos do mar para proteção dos oceanos, respeitar e valorizar a sociobiodiversidade e fortalecer prática sustentáveis.

Então, são algumas imagens das ações de ativismo que a gente faz, para combater a poluição nas praias. A ecosurf hoje está distribuída por meio de uma grande rede, com pontos focais na América do Sul, na Europa e no norte da África. No Brasil, a gente tem pontos focais da ecosurf com representantes no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, na Amazônia e, no Pará, na cidade de Itaituba, que trabalha uma perspectiva do Rio Tapajós, uma bacia hidrográfica. As nossas áreas de atuação relacionam-se com os oceanos, clima, água, surf e sustentabilidade; e as formas de atuação são com educação

ambiental, políticas públicas, pesquisa, mobilização, ativismo e comunicação.

Ali estão algumas fotos que remontam um pouco da nossa história, de formação, trabalho com crianças e políticas públicas. Aqui é uma foto legal, numa audiência onde estávamos discutindo a minuta do projeto do projeto da lei do mar, entre outras ações. Então, é um pouco dos impactos das atividades e ações de limpeza de praia. Voluntários envolvidos já passaram de dez mil. Toneladas de lixo foram removidas das áreas costeiras. Há palestras e trabalho de jovens com educação ambiental e surf. Há representantes no litoral brasileiro.

A nossa agenda prioritária, desde o início do trabalho, sempre foi a questão dos oceanos. Em 2014, fui convidado para participar de expedição chamada *expedition plastic*. Uma produtora de TV da Suíça reuniu pessoas de alguns países, e eu tive a sorte de ter sido escolhido para representar a América do Sul. A ideia era informar à sociedade sobre os problemas da poluição dos oceanos e buscar respostas para as seguintes questões: “De onde vem o plástico? Onde está o plástico nos oceanos e como enfrentar o problema?” Isso foi em 2014. Então, a gente já tinha uma informação, que existia, nos oceanos do mundo, os giros de poluição. Então, são cinco giros de poluição que existem nos oceanos. O primeiro giro a ser descrito foi o giro do Pacífico Norte, pelo Capitão Charles Moore, que, navegando naquela região, como Comandante de Navio da Marinha Mercante, identificou uma grande mancha de plástico, formando um grande giro naquela parte. Depois, outras pesquisas foram feitas, e foi descoberto que, em todos esses vórtices, tanto no Hemisfério Norte, que giram no sentido horário, quanto no Hemisfério Sul, no sentido anti-horário, por causa dos ventos, das forças correntes, reúnem-se grandes quantidades de plástico.

A *expedition plastic* teve, como objetivo, fazer uma navegação nessa área aqui dos oceanos. Então, a gente reuniu pesquisadores da Suíça, do Brasil, da Califórnia, junto com o Prof. Marcos Ericsson; e nos reunimos aqui em Bali, entramos num veleiro e avançamos nessa área aqui, para conhecer como era a situação daquela região e das suas ilhas. Então, a gente navegou por esse giro, giro do Oceano Índico, nessa região aqui, saindo de Bali e vindo até

aproximadamente esse ponto do planeta. Então, a gente percorreu a Ilha de Christmas Aislan e a Ilha de Cocos Island. Saindo do Porto de Bali, na praia, essa era a situação. Então, a quantidade de plástico, na areia daquela região, era extremamente grande. Hoje a Indonésia banuiu de várias ilhas a distribuição de plástico descartável. Na primeira ilha que a gente chegou, era uma ilha deserta, um paraíso. Essa era a situação dos plásticos lançados na areia da praia. Durante a nossa navegação, a gente utilizou o sistema de rede para coletar microplástico nas águas da região. Então, a cada 30 minutos de navegação, a gente recolhia essa rede. Aqui está o plâncton oceânico, e, dentro desse plâncton, a gente encontra essa quantidade de fio de nylon, de microplástico entre outros materiais.

Aí se chega ao paraíso. Essa é a ilha de Cocos Island. É um atol no meio do Oceano Índico. A gente navegou por essas outras ilhas aqui menores, que formam o atol, e a realidade era o seguinte: Isso aqui é um brinquedo que vem naqueles sanduíches de Mclanche feliz, e o McDonald's mais próximo ali estaria no oeste Austrália. De avião, dariam umas três horas e meia. A quantidade de microplástico fragmentado na areia era muito grande, como a gente demonstra nessas imagens aqui. Então, há desde *palet* de navio, seringa, cremes de beleza, redes de pesca, tampas de água e aqui muito microplástico misturado com areia. Há uma quantidade enorme de chinelos também.

Então, aqui é uma foto que infelizmente já é recorrente, de encontrar animais e aves marinhas mortas, com plástico no trato digestivo. Aqui há um pente que, de algum modo, foi parar aqui, nesse tipo de vegetação, além de chinelo, escova de dentes, isqueiro, material geralmente usado em embarcações de pesca, garrafas de refrigerante ou de algum outro tipo de suco, chinelo e mais rede de pesca.

Quando eu volto ao Brasil, isso foi alarmante, vivenciar, de fato, com aquele problema que se via raramente na televisão e existia. Ia começar a pesquisar a fundo sobre as questões do que é a poluição pelo plástico, e aí eu identifiquei, naquele período, a quantidade já de notícias sendo veiculadas sobre as crescentes pesquisas falando sobre o que é a

dispersão do plástico nos oceanos. E por que a gente está falando dos oceanos? Qual é a importância que os oceanos têm na nossa vida? Sessenta e um por cento do oxigênio liberado na atmosfera é a partir dos oceanos. Ele abriga 90% de toda vida no planeta. Quinze por cento da proteína animal consumida vêm do ambiente marinho. A água cobre 71% da superfície da terra, é fonte de energia limpa, tem regulação climática da temperatura, serve como transportes de bens e mercadorias e é um ambiente de lazer, cultura e recreação, assim como a gente pratica o surf nos oceanos.

Já, nos oceanos da zona costeira brasileira, há uma área de 10.800 quilômetros de litoral. São 15% de todo território nacional, e são compreendidos 17 Estados brasileiros, sendo 273 municípios. Os municípios da zona costeira abrigam 26% da população brasileira, ou seja, 50 milhões de habitantes, e esses habitantes vivem a menos de 50 quilômetros do nível do mar.

Aí a gente vê essa quantidade de pessoas que vivem ao longo do território costeiro e marinho, e a gente sabe que hoje, segundo as pesquisas científicas, entre oito a doze milhões de toneladas de plástico chegam aos oceanos. Até 2050, haverá, em massa, mais plástico do que peixes. O Brasil é o quarto maior gerador de resíduos sólidos do mundo, com 79 milhões de toneladas, e alguns cientistas estimam que existe mais plástico, microplástico pulverizado nos oceanos do que estrelas no céu, 5,23 trilhões de pedaços.

Como o plástico vai parar nos rios, que chegam aos oceanos? Então, aqui a gente tem uma destinação inadequada do resíduo, jogado na calçada. Esse resíduo, por conta de fatores climáticos, de vento, de chuvas e de águas pluviais, ele acaba chegando aos bueiros, ralos da Cidade, que tomam os rios e chegam ao mar.

Então, como diz a música, todo rio corre para o mar. Então, fatalmente aquilo que a gente joga na rua, acaba chegando, pelos rios, ao mar.

Então, essas são imagens recorrentes, que a gente está acostumado infelizmente a ver sendo publicadas em redes sociais. Essa imagem aqui é muito curiosa, há cerca de dois

anos. Ela foi divulgada por um fotógrafo que estava clicando em Bali. No início, quando a imagem começou a circular, pessoas imaginavam que era um anúncio publicitário de alguma marca, falando sobre a poluição, relacionando os seus produtos a uma causa, e depois essa sequência inteira da foto foi um tubo, que um surfista pegou em Bali e a onda veio toda cheia de plástico em sua parede.

Quanto ao lixo que afeta os oceanos, a gente tem aqui a estimativa: 75% é plástico. Então, a maior parte do material que está em suspensão na água ou que já está afundado do leito marinho é composto por plástico. Aqui são fotos de ativismo, mutirões da ecosurf.

Então, quanto à produção de plástico no mundo, a FEI já trouxe algum dado aqui. A previsão, até 2050, é de 1,25 bilhão de toneladas de plástico, segundo a WF. O plástico trouxe algumas vantagens, por ter baixo custo. É um material versátil e tem uma durabilidade e uma resistência. Esse fator da resistência fatalmente é aquilo que a gente tem que discutir, justamente por conta de repensar o *design* desse material, já que o primeiro plástico fabricado ainda deve estar por aí em algum lugar.

Então 26% de todo plástico são utilizados para fazer embalagens, das mais diversas, de água, refrigerante, cosmético e até embalagens para produtos como saladas em potes descartáveis entre outros.

Aqui há mais fotos da ecosurf. Eu trouxe um dado aqui, do Instituto Pólis, da produção de resíduos sólidos na Baixada Santista. Essa aqui é uma foto do município do Guarujá, no ano de 2015, quando houve uma paralisação da coleta de lixo. Então, algumas ruas daquele município ficaram dessa maneira.

Se a gente pegar aqui esse dado, que, em 2003, 888 toneladas/dia eram gerados por resíduos sólidos na Baixada Santista, e, 2013, passaram para 1.500 toneladas/dia, vemos que houve um aumento significativo de 73%. Então, aqui há um quilo de plástico por habitante gerado, e a gente compreende a Baixada Santista uma média de 1,5 milhão de pessoas. Então, dá uma tonelada/dia na região. E a gente sabe que, na Baixada Santista, no Estado de

São Paulo, a maioria dos municípios dão uma destinação para o aterro sanitário do Sítio das Neves, em Guarujá. Esse aterro sanitário já está com a sua carga estaprolada. Ele tem até março de 2019 para estar em funcionamento. Então, o litoral paulista, principalmente as Cidades de Bertioga até Peruíbe, estão num debate muito amplo e sério sobre qual é a destinação que vão dar para os resíduos.

Itanhaém, por exemplo, o meu município, já destinou lixo para incineração em Mauá. Então, a gente está debruçado numa questão extremamente delicada. Pessoas estão falando em incinerador. A gente é frontalmente contra esse tipo de solução, porque isso inviabiliza toda uma cadeia produtiva. Inserimos catadores da coleta seletiva, da reciclagem entre outros. Essa aqui é uma foto do mutirão de limpeza de praia. Há uma grande quantidade de garrafas pet retirada numa ação, em torno de 90 minutos na Praia dos Pescadores em Itanhaém.

Aqui eu falo sobre o microplástico, que é uma ameaça invisível. A gente fala que o microplástico é um macroproblema. Por quê? Porque há duas formas de se classificar o microplástico. Uma das formas é a fragmentação fotoquímica do microplástico. Por exemplo, essa colher, ela, no tempo, com o sol, com o sal, com a sua fricção na areia ou nas pedras, ela vai se quebrando em partículas cada vez menores, e viram microplásticos quase invisíveis.

Aqui a gente tem o microplástico, que já vem industrializado em produtos de higiene pessoal, em cremes dentais, produtos esfoliantes para a pele entre outros produtos. Aí a gente sabe, como eu já comentei no *slide* anterior, que existem mais de cinco trilhões de microplásticos pulverizados nos oceanos.

Agora em abril, a gente teve a participação num evento da Volvo, que tem um barco das Nações Unidas. Ele está coletando amostras de água pelos oceanos, onde essa corrida está acontecendo. Essa corrida é uma volta ao mundo em veleiro, e, durante as coletas nos polos, foram constatados microfibras de plástico na água, em lugares remotos dos oceanos. Então, esses microplásticos são oriundos ou da fragmentação fotoquímica ou desse material,

que já vem uma partícula menor do que um milímetro de plástico nesse tipo de produto.

O que está acontecendo com esse microplástico? Aqui há o plâncton oceano, que é a menor forma de vida. É a base da cadeia alimentar marinha, e aqui há a bioacumulação. Então, o plâncton serve de alimento para uma forma de vida, que dá alimento para outra forma de vida. Então, há todo esse espiral aqui de alimentação oceânica, até se chegar aos animais do topo da cadeia.

Aqui no meio, há outros tipos de animais, por exemplo, pescados, peixes comerciais, e esses animais estão com esse plástico metabolizado em seus tecidos. Aí esse animal comeu o plástico, a gente vai ao restaurante, pede um pedaço de peixe e fatalmente esse peixe está com plástico metabolizado em seus tecidos. Então, ainda não há nenhum estudo conclusivo do efeito desse plástico nos peixes, a partir do nosso consumo desse peixe, mas a gente já sabe que existe um alerta mundial sobre uma bomba relógio que está se transformando. Então, uma partícula de microplástico, no oceano, tem a capacidade de absorver até um milhão de toxinas. Essas toxinas são os poluentes orgânicos persistentes, POPs. Então, estão sendo criadas pílulas de veneno lançadas, pulverizadas nos oceanos.

Aí quando a gente sobe a mão, a responsabilidade, o Sr. Rodrigo Sabatini do Instituto Brasil, sempre brinca com isso: “De quem é essa mão?” É do indivíduo. E é essa mão que vai determinar o meu consumo. É essa mão que vai determinar o que eu pego como produto e o que eu transformo em resíduo ou o que eu transformo em lixo. Então, quando a gente fala muito sobre os aspectos das políticas públicas, eu digo que a gente discute a questão do canudo em São Paulo, que vai trazer um efeito pedagógico muito grande, como a Fê comentou, de as pessoas repensarem mais sobre o canudo. Mas por que o canudo? Aí começam já começam a conectar com a sacola, com o copo plástico e outras coisas, porque só com uma saída comportamental que a gente vai conseguir pensar um futuro desplastificado. Só a partir da diminuição da geração que a gente vai começar a enfrentar esse problema, e a diminuição da geração passa por essa mão, porque cada um de nós é responsável por essa

mão. Então, não adianta a gente transferir, terceirizar a responsabilidade, sendo que ela é do indivíduo.

Aqui a gente traz algumas ideias de hábitos, de se usar ecobag, usar o canudo descartável de papel ou o canudo que você pode reutilizar, reaproveitar, usar escovas de madeira, de bambu e beber água em garrafas de *squeeze*, que podem ser levadas para casa, trazer os próprios talhares, o copo sendo levado na mochila e os seus próprios recipientes.

Eu lembro que, antigamente, iam ao restaurante, até há pouco tempo antigamente, e para se pegar um marmitex, chegavam com aquele kit, com quatro marmitas. Colocavam feijoada, salada, farofa e levavam para casa. Era limpo. A comida até fosse mais gostosa. A gente sabe que, em determinados tipos de isopor, substâncias químicas soltam no alimento. Evitem as embalagens exageradas, as embalagens de uso único, e sempre levando uma ecogab na bolsa. Então, essas são algumas dicas que a gente consegue pensar, para se diminuir a geração.

Aqui é o mutirão de limpeza de praia. Aqui é uma surpresa, é uma foto que eu venho usando ao longo do tempo. Essa foto foi tirada na Praia da Estação Ecológica da Juréia-Itatins. Chama-se Praia do Rio Verde. É dentro de uma unidade de conservação de proteção integral. A gente fez uma operação de limpeza de praia, para fazer a remediação ambiental a partir do acidente dos *containers* com o navio no Porto de Santos. Entre as cargas que caíram no mar, uma delas eram bolinhas de Natal. Então, imaginem, à deriva, bolas de Natal de um *container* aberto no cais santista. Isso aí dispersou pelo litoral do Sul e Sudeste. A gente tem registro que, até na Praia do Cassino, chegaram bolinhas de Natal. Já vai fazer quase um ano e ainda há material ali flutuando, encostando nas praias.

Aí a gente estava, durante a difícil operação de limpeza de praia, numa área de praia, de areia muito fofa. A gente estava com 25 voluntários fazendo ali a despoluição, e uma hora eu parei para descansar, e, para minha surpresa, eu sentei no barranco da praia. Quando eu olho para o lado, parece que o plástico persegue a gente. Aí eu olho para essa foto, para

essa espécie de cactus. Quando eu olho, eu não acredito no que eu vejo: Aí eu vejo que eu apelidei de cactus plásticos. Então, aqui há uma garrafa pet, que, em algum momento, chegou àquela praia e interagiu com esse tipo de vegetação. Então, o cactus cresceu dentro da garrafa pet. E por que eu trago essa imagem? Porque eu gosto de fazer uma provocação, porque a gente está discutindo a reciclagem, a diminuição da geração, mas eu quero falar do passivo do plástico. Quanto plástico já está depositado nas praias, nos oceanos, na restinga? De quem é a responsabilidade por esse plástico? Quem vai lá buscar esse plástico para ele não se transformar num microplástico, e acabar no nosso prato de comida? Então, eu sempre deixo isso no ar porque essa resposta eu também não tenho.

Quero aproveitar de estar aqui na Casa Legislativa para que a gente possa pensar como a gente encaixa, à luz da política nacional de resíduo sólido, a responsabilidade pelo passivo. Então, já venho acompanhando algumas linhas de raciocínio sobre isso, mas nenhuma ainda está clara de quem a gente pode cobrar, porque a gente sabe que a responsabilidade compartilhada é do cidadão, é da empresa que produz o produto. Só que a gente cobra de quem? Do Poder Público? O Poder Público cobra de quem? Então, ainda é uma coisa que está... É um mosaico ali institucional que a gente precisa resolver.

Por fim, é uma praia bem triste na Europa e a gente, enquanto surfista, tem que ter essa compreensão, nosso lugar, nosso planeta e nossa responsabilidade. Quando a gente fala em nossa responsabilidade, a gente está falando da nossa casa comum, do nosso lar enquanto planeta, e não só o nosso, das mais espécies de vida que fornecem serviços ecossistêmicos importantíssimos, que asseguram a vida que a gente leva, que asseguram a qualidade do ar, que asseguram a qualidade das águas, que asseguram essa biodiversidade rica que a gente tem. Então, a gente tem que começar a pensar, como eu bem disse, sobre a responsabilidade que passa por essa mão.

Então, eu sou o João, aqui está o meu contato, mais uma vez, obrigado pela oportunidade. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – Muito bom escutar isso, muita informação que todos nós precisamos acessar. Quando o João estava falando um pouquinho sobre o micro plástico, quando se abre a torneira na Casa Branca sai micro plástico, no Líbano sai microplástico, na Vila Madalena sai microplástico, onde a gente abrir torneira no planeta Terra hoje a gente tem o microplástico. Essa informação é uma novidade para a população em geral e é isso que a gente tem que debater e expor.

O ator Gregório Duvivier, num programa dele, fez um comentário que é bem simples: o maior problema do plástico é a sua maior qualidade, ele é ultrarresistente, ultra maleável e ultra barato. Então, o problema dele é com ele mesmo e a questão que o João colocou aqui da mão, é a nossa mão, é a gente que tem que começar esse movimento da melhor forma.

Eu gostaria de pedir para a Dra. Leandra fazer uma fala para a gente. Obrigado,
João.

A SRA. LEANDRA GONÇALVES – Bom dia a todos. Primeiramente, eu gostaria de agradecer o convite de estar hoje na Câmara Municipal para debater um assunto tão importante. Eu certamente começo o meu Dia Mundial do Meio Ambiente mais feliz ao lado de colegas que eu já acompanho o trabalho há muitos anos. Eu, o João, a Paulina, a Fernanda trabalhando as diversas questões ambientais.

Eu sempre trabalhei – o João comentou – no Greenpeace, na Fundação SOS Mata Atlântica, sempre olhando para o lado das políticas públicas para governar a região costeira e marinha, não só a questão do lixo plástico, mas a questão dos oceanos de uma forma geral.

Tive a oportunidade de participar de algumas audiências públicas na Câmara Federal para discutir a aprovação de uma política nacional para a conservação dos oceanos no Brasil e que teve bastante apoio e ação do Deputado Ricardo Tripoli, na Câmara Federal.

E quando a gente acorda no Dia Mundial do Meio Ambiente e vem para a Câmara Municipal de São Paulo para discutir a questão do lixo e traz a oportunidade de discutir

também a conservação dos oceanos, é certamente alguma coisa muito relevante.

Por isso, eu gostaria de agradecer ao Vereador e também a sua equipe, em nome da Juliana, por proporcionar esse momento, porque não tem praia na cidade de São Paulo, mas a praia é o principal destino do paulistano. Então não tem como não falar do problema do lixo, que é um problema global, porque depois a gente tem que lidar com ele na ponta, que são as cidades, a sociedade.

Na verdade, estou sempre aprendendo com o João, que está no ativismo, na ponta, mostrando esses dados no dia a dia, com os voluntários. E acho que a principal mensagem que quero deixar hoje aqui é que não há uma bala de prata para a gente resolver a questão do lixo no Brasil, nem mesmo no mundo. A solução passa por todos os setores, por todos os atores, então é um por todos e todos por um.

São diversas ameaças aos oceanos, não só no Brasil, mas no mundo, com diversos tipos de impacto de ação direta ou indireta por parte do homem. Também tem as questões de mudança de clima, que passam por diversas atitudes dos países, dos negociadores, nas cúpulas globais; tem a questão da sobre pesca, cujos dados são bastante alarmantes. O último dado de estatística pesqueira no Brasil é de 2011, então falta informação científica na tomada de decisão sobre a questão do manejo pesqueiro.

Também temos o problema da contaminação por poluentes, não só do lixo plástico, mas dos resíduos e contaminantes químicos que contaminam não só a biodiversidade marinha, mas como foi dito pelo João, em última instância, contaminam o animal de topo de cadeia alimentar, que não é só a baleia, o tubarão, mas também o ser humano.

Então a nossa responsabilidade com relação à conservação dos oceanos é também uma questão de saúde pública, que envolve a saúde e o bem estar da sociedade.

Entre os diversos poluentes, o lixo é considerado um dos grandes problemas na saúde dos oceanos. E o que seria esse lixo? Se procurarmos a definição de lixo nos dicionários, são: restos de cozinha, refugos de toda espécie, latas vazias, embalagens de

mantimentos que ocorrem em uma casa; imundice, sujidade. Ou seja, o lixo é todo resíduo que vai parar no meio ambiente. Na definição da ABNT, seriam restos de atividades humanas considerados pelos geradores como inúteis, indesejáveis ou descartáveis.

Parte dessa apresentação foi fornecida por alunos do Programa de Políticas Públicas do Instituto Oceanográfico e do Programa Lixo dos Mares, do laboratório de Ecologia e Conservação do Instituto Oceanográfico. Agradeço essa contribuição.

E o lixo marinho? Há outra definição para o lixo marinho? A gente usa uma definição do Programa de Meio Ambiente da ONU de que o lixo marinho poderia ser definido como um resíduo sólido processado, utilizado e descartado, seja propositalmente ou acidentalmente pelo homem, e que acaba entrando no meio ambiente não importando a fonte. Que fontes são essas? Todas essas que o João já pontuou.

De onde vem esse lixo do mar? Cerca de 70% do lixo do mar é de origem terrestre, ou seja: comércios, hospitais, indústrias, residências. São diversos os tipos de produtos que a gente encontra no mar: garrafas plásticas, embalagens, produtos de beleza, protetores solares, seringas. Diversos produtos que foram deixados na praia, ou foram deixados em algum lugar da cidade, caiu no rio, caiu num bueiro e, depois de entupir o bueiro, foi parar no mar. Então, o problema não é só no mar, mas também nas cidades, porque esse lixo plástico mal descartado causa um dos maiores problemas nas cidades, no período de chuva, quando há entupimento dos bueiros. Portanto, a responsabilidade é de todos nós.

O Brasil tem um potencial de reciclar até 30% do seu lixo, mas hoje somente 3% desse lixo é reciclado. Então, temos um problema aqui que não é só da sociedade, que mal descarta seu resíduo, mas também é um problema de políticas públicas e de envolvimento do setor privado. Oitenta por cento desse lixo é proveniente das fontes terrestres, o que a gente encontra no mar, sendo que os plásticos são os mais abundantes. São plásticos variados. Há microplásticos; macroplásticos, como garrafas, sacolas, tampas, cotonetes, absorventes, fraldas, isopores e canudos, que são o principal motivo de estarmos hoje aqui nessa discussão.

Esse é um infográfico ilustrando bem o que o João já vem reportando na prática das atividades de limpeza de praia. De onde vem esse lixo? Vem das fontes terrestres – cidades próximas ao litoral e dos turistas. Os turistas são um grande problema para o litoral e para a questão do lixo, porque todo final de semana e todo final de ano o turista sai de São Paulo e se desloca até o litoral. As cidades litorâneas não têm políticas públicas e condições estruturais de dar conta desse contingente de pessoas que se deslocam da metrópole para lá. Elas não têm coleta seletiva adequada, não têm sistema de tratamento de esgoto. Então, esse impacto de uma metrópole, como a ida dos paulistanos ao litoral, é bastante significativo. O que acontece? O turista não tem necessariamente com o litoral um senso de pertencimento. A gente tem isso com a nossa cidade, mas não necessariamente com o litoral, onde somos usuários. Vamos até o litoral, utilizamos o que ele tem de bom, sua beleza, estética, o lazer, descansamos, as crianças brincam na areia, a gente vai embora e deixa lá a nossa grande pegada ecológica, o nosso lixo, que a gente não descarta corretamente. E a cidade, o poder público do litoral não tem condição de arcar com esse impacto.

Esse lixo vem também, claro, das fontes marinhas. Temos plataformas de petróleo, navios de transporte de carga, navios de turismo. E todo esse material descartado de origem terrestre ou de origem oceânica vai parar nesses giros do mapa que o João mostrou. Aí, há esses grandes acúmulos de material plástico no meio do oceano. Tive oportunidade, em 2008, de participar de uma das pesquisas mais impactantes que eu fiz até hoje: uma expedição para a região Antártica, do lado da Austrália e da Nova Zelândia, em um navio do Greenpeace, onde fizemos coletas de amostras de água. A Antártica é um continente remoto, sem nenhuma ocupação humana, exceção das bases científicas e de segurança; mas a quantidade de lixo que encontramos nessas áreas remotas foi assustadora, seja de microplástico ou até de macroplástico, como garrafa pet, embalagem de óleo de cozinha vindo de diversos países. Esse trabalho, inclusive, foi publicado em uma revista internacional, mostrando esse lixo impactando a vida marinha do local – focas, pinguins, baleias, golfinhos. Assim, o impacto do

ser humano hoje não é só nas cidades, porque as cidades, os mares e os rios estão completamente conectados através das nossas próprias ações.

A equipe do Projeto Lixo dos Mares, do Laboratório Ecologia, Manejo e Conservação Marinha, fez um monitoramento do macrolixo ao longo de dois anos e conseguiu retirar do mar cerca de 1,4 tonelada de lixo marinho, e 94% desses itens eram de plásticos. Isso foi feito em Alagoas, Bahia e São Paulo. Vocês podem ver na imagem o plástico, a parte azul. A maioria, cerca de 90% da totalidade das amostras, era de plástico, seguida do metal, vidro, papel e outros materiais. Então, sem dúvida alguma, o plástico é um problema devido à resistência e durabilidade, razão pela qual temos de dar a ele o destino e o uso corretos.

Mais de 40% do plástico produzido – e esse é um dado dessa nova revista, acho que a Paulina vai trazer mais informações para nós sobre a *National Geographic*, excelente exemplar que, assim como o nosso debate de hoje na Câmara Municipal, traz também essa informação para a sociedade brasileira – é usado uma única vez e jogado fora. Então, temos toda essa resistência e durabilidade para, muitas vezes, termos um uso muito reduzido na nossa residência ou para nossas atividades.

Hoje de manhã acordei, estava dando uma olhada nas notícias, e saiu, superfresquinha, notícia sobre o meio ambiente. Dia do Meio Ambiente é ótimo porque sai um monte de novidades sobre o tema. Trata-se de uma pesquisa feita pelo Ibope, publicada hoje, encomendada pela Ambev, que diz que 4 em cada 10 brasileiros não separam o lixo. Então, fica muito difícil se não considerarmos que o lixo é um problema para cuja solução precisamos de todos os setores. Precisamos do indivíduo, do Poder Público e do setor privado nessa ação.

Trago um pouco dessa reflexão: qual é o papel de cada setor? Marquei em vermelho a criação de leis, porque hoje essa é a principal questão. O projeto de lei para o banimento de canudos é parte dessas soluções, mas temos muitas outras, como a provisão de informações para a sociedade. Essa pesquisa do Ibope lançada hoje mostra que a maior parte das pessoas que responderam a esse questionário – e, aí, a pesquisa traz todas as

informações – não reconhecem ou não têm conhecimento sobre a cor das lixeiras, que tipo de lixo devem colocar em cada cor de lixeira. Muitas pessoas alegam que não separam o lixo porque acreditam que, lá na ponta, esse lixo não é adequadamente descartado; não reconhecem a coleta seletiva, não sabem as datas da coleta seletiva, não acham que a sua atitude individual pode fazer a diferença para a solução do problema do monte de lixo que temos no Brasil. Então, falta bastante informação.

Por parte da iniciativa privada: fomento à pesquisa e à educação. Ainda tem muita informação para ser produzida acerca da questão do lixo, de mitigação dos danos e do desenvolvimento e inovação. Falávamos, no começo, que a questão do lixo, primeiramente, sofre com o problema de armazenamento. Hoje não há mais espaço, e muitas nações desenvolvidas destinavam o lixo para países ainda em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, e mesmo esses países hoje também já não estão mais aceitando o lixo – seja ele eletrônico, seja ele plástico. Não querem mais comprar esse lixo dos demais países. Então, há uma questão de espaço: para onde vai o lixo que estamos produzindo. Há também outra questão: o plástico é produzido a partir do petróleo, que não é um recurso renovável. Então, em algum momento, será obrigatório migrarmos para uma economia de baixo carbono, não só pelo impacto das mudanças climáticas, mas porque vamos ter a extinção desse produto. E em que momento vamos gerar a inovação tecnológica? Vamos esperar uma crise para só então produzir uma inovação tecnológica? Ou vamos nos antecipar e agir de uma forma preventiva, por precaução, para produzir essa solução, essa inovação tecnológica? Essa é uma reflexão que temos de fazer.

Aqui temos o terceiro setor, e não haveria, para a questão do lixo, melhor exemplo do que o Ecosurf, que faz ações de sensibilização, monitoramento, engajamento, ativismo, que leva o problema do lixo e a explicação desse problema para a ponta, o turista, que está na praia utilizando-se do lixo plástico, mas não necessariamente sabendo de que forma é melhor seu descarte ou qual o seu impacto que ele está gerando naquela localidade.

Também há a academia, importante pela geração e disseminação do conhecimento e informação e de trazer uma visão crítica e imparcial. E menciono também as escolas, porque hoje muito do problema do lixo passa pela educação, pela forma como estamos passando essa informação para as crianças que vão saber ou não dar o destino correto a esse material plástico. Por fim, os cidadãos, que têm de buscar seus direitos, têm de modificar seus hábitos de consumo e têm também de fazer o controle social.

O que motivou hoje nossa discussão nesta Casa foram os canudos; ou, pelo texto que a Paulina trouxe: “Sem canudos, por favor”. Essa é uma atitude individual. Vai fazer diferença? Vai. Esse projeto de lei está salvando os oceanos? Sozinho, não. A solução não é uma bala de prata. A questão dos canudos é, como a Fernanda e o João falaram, uma das questões mais emblemáticas, porque o canudo é realmente desnecessário. Não precisamos do canudo em nosso dia a dia. Você não precisa aceitar, o estabelecimento não precisa oferecer. Trouxe um infográfico, que foi cedido pela Mauê Fernandes, que é aluna do Instituto Oceanográfico, que mostra qual é o problema desse nosso mar de plástico com relação ao canudo.

O canudo leva um minuto para ser produzido, tem poucos minutos de uso, ele passa centenas de anos na natureza – nem sabemos quantos -, causa milhares de mortes de espécies marinhas. Quem tiver curiosidade, sugiro um vídeo ultrachocante, que tem mais de 5 milhões de visualizações, que mostra uma tartaruga marinha que foi encontrada com um canudo de plástico na narina, que os pesquisadores retiraram para que ela pudesse respirar. Esse vídeo é muito fácil de encontrar no Youtube. São milhares de mortes de espécies marinhas. Há 8 milhões de toneladas de plástico nos oceanos, e cerca de 90% das espécies marinhas, de alguma forma, já ingeriram detritos plásticos alguma vez. E ainda, como o João havia falado, em 2050 estima-se que haverá, em peso, mais plásticos do que peixes nos oceanos. Já temos o problema da sobrepesca, e adiciona-se ainda mais um vetor de impacto nessas populações de peixes; então, o resultado certamente não será positivo para a questão

ambiental nem mesmo para o bem estar e qualidade humana. Falamos muito da questão ambiental, de conservar as espécies, mas no fundo, isso não deixa de ser uma questão de qualidade de vida para a sociedade.

Há um dado dessa pesquisa que achei muito curioso, já que isso é o que nos motivou a sair de casa neste dia frio. Uma das afirmações que trazia essa pesquisa do Ibope era “um canudo a mais não fará diferença no mundo”; 70% das pessoas que viram a afirmação e que separam o lixo, discordavam da frase, e 69% discordavam também dos que não separavam. Então, as pessoas ainda não reconhecem que sua atitude de recusar um canudo e de separar seu lixo possa de fato gerar qualquer impacto no meio ambiente. Então, a solução de fato passa pelo “um por todos e todos por um”, a estratégia dos Três Mosqueteiros. Porque não há como só um indivíduo lidar com esse problema, somente a sociedade pode fazê-lo. Sociedade, Poder Público e setor produtivo, empresas privadas. Acho que só dessa forma vamos conseguir andar para frente em relação à questão do lixo. Nesse sentido, penso que o PL sobre os canudos é uma iniciativa louvável porque leva esse tema para a sociedade e, assim, gera, como ocorre hoje, um debate bastante significativo.

Eu normalmente costumo acreditar que as audiências públicas servem inclusive para melhorarmos os instrumentos de lei. Então, se o Vereador me permite, quero só fazer uma observação sobre o texto do PL. Eu entendo que, nele, há a substituição do canudo de plástico pelo de papel, ou algum material biodegradável. Deixo aqui, para reflexão, se houver possibilidade de modificação do texto, se podemos trabalhar com o banimento do canudo sem a proposta de se gerar lixo de papel, porque, que, embora menos danoso e impactante que o plástico, o de papel também gerará um resíduo. Acho que o canudo é um exemplo bastante emblemático da desnecessidade. Talvez o que possamos colocar é a oferta do canudo em caso de necessidade por questões de saúde/doença, em que seja necessário à pessoa ingerir um líquido e não se consiga fazer de outra maneira. Pode ser que haja casos assim, mas penso que não haveria necessidade de substituição dele por outro de qualquer material

reciclado. Acho que o canudo é o exemplo de um produto que pode ser “não, obrigada”. Essa é a minha mensagem. Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – A Leandra disse bem: audiência pública é para a gente aprender e melhorar o que vimos fazendo. O projeto ainda nem foi votado em primeira votação. Na Câmara Municipal ele tem de passar por algumas Comissões, é votado em primeira e depois pode haver emendas para que ele seja aprimorado para ser votado em segunda votação. Então, não só dos nossos palestrantes, mas todas as sugestões de Vereadores e qualquer pessoa que queira contribuir serão bem vindas. O pessoal da minha assessoria, no meu gabinete, está muito aberto a discutir esse assunto.

O motivo principal do projeto é chamar a atenção da sociedade. A proibição é algo que, inclusive, discuti com o pessoal do meu gabinete. Nossa ideia era de retirar o projeto depois do movimento lançado, pois temos mais de 90 leis em São Paulo. Não é somente com leis que vamos conseguir chegar a um objetivo. Então, a ideia era retirá-lo, mas hoje estou vendo que talvez não seja essa uma boa estratégia. Talvez seja boa a estratégia de receber informações e podermos contribuir com a comunicação.

Quero agradecer a presença do Virgílio Carvalho, da Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo. É um grande prazer tê-lo conosco hoje, porque sua categoria pode fazer um movimento. Já conheço alguns restaurantes de amigos em comum que já não estão oferecendo canudo, e quando o cliente pede, é dito que não há. É nesse momento que tanto o funcionário passa a ter consciência do problema como também o cliente. Então, é um prazer que você esteja conosco. Esperamos que a categoria colabore bastante com esse movimento.

Agradeço a presença da Marina Leite Marques, do Viva Baleias, Golfinhos e Cia. Amém, estamos todos aqui na defesa dos animais.

Há dois inscritos para fazer. Darei a palavra para nossa última palestrante, depois vou pedir aos meus irmãos darem uma palavra, e abrirei a palavra aos Vereadores para que

eles possam também contribuir. Também as pessoas poderiam dar uma contribuição. Nosso tempo é curto, mas que as palestras são gratificantes. Ficamos ouvindo vocês falarem, e começamos a ter ideias.

Aproveito para mencionar o caso do Deputado Federal Juarez Bernardes, já falecido, que fez em 1976 um projeto que proibia a fabricação de embalagens plásticas destinadas ao acondicionamento de açúcar e sal. A justificativa dele: “Tornou-se hábito, de uns tempos para cá, pode-se mesmo dizer em virtude da ‘febre do plástico’, usar-se esse material para toda sorte de embalagens, ignorando-se os aspectos negativos de seu uso indiscriminado. (...) No caso em espécie, pretendemos, através de seu uso, uma volta ao passado. Não digam alguns que não se deve retroagir. Não. Quanto a experiência nos mostra que o antigo era melhor, devemos ser suficientemente humildes para reconhecê-lo e adotar velhas fórmulas que se mostraram comprovadamente acertadas”. Infelizmente, esse PL não passou, e cá estamos discutindo a mesma coisa 40 anos depois. Estamos 40 anos atrasados. Todo esse plástico que vimos nas imagens não irá embora, só mudará de lugar.

Tem a palavra a Sra. Paulina.

A SRA. PAULINA CHAMORRO – Muito bom dia a todos. Feliz Dia do Meio Ambiente a todos. Estou realmente muito satisfeita por inúmeros motivos. Primeiramente, porque estamos aqui discutindo política pública com relação a plástico, especificamente canudo.

Estou também muito feliz por estar aqui representando a *National Geographic* e por estar colocando, como a Leandra falou, de todos os setores que estão envolvidos e a comunicação principalmente, não só ferramentas, mas dar ferramentas ao cidadão para que faça melhores escolhas, para que ele faça escolhas conscientes. Então estou aqui representando esse papel da comunicação.

Também vou contar um pouco dessa edição - e ela existe, ainda não é possível encontrar em algumas bancas, mas está aqui - é a de junho da *National Geographic*, edição

brasileira, e tem o título Mar de Plástico. Na edição americana é *Planet or Plastic*. A *National Geographic*, há 130 anos, trabalha para documentar as transformações positivas que o Planeta passa e também às impactantes. Dentro desse universo de documentação do Planeta em transformação é que veio essa edição especial, com um belo mapeamento sobre o plástico em nossas vidas. Não é uma edição para demonizar o plástico, mas sim para tentarmos entender em que aspectos nós podemos mudar, e ter o conhecimento de novas informações, acompanhar pesquisas, e que tipo de plástico está realmente prejudicando a nossa vida.

Esta capa foi extremamente compartilhada nas redes sociais, e mostra, mais uma vez, o papel importante da comunicação nas questões ambientais. Todo mundo ficou nessa expectativa do que viria, que foi incentivado pela ilustração do mexicano Jorge Gamboa. Essa ilustração foi apresentada num festival de *posters* da Bolívia, ano passado. O título era *Iceberg Plástico* e, claro, ganhou o prêmio, e passou a circular nas redes sociais e foi escolhida para ser a capa da *National Geographic* mundial.

Vem também com muita informação porque falei agora sobre demonizar o plástico, vem justamente com alerta da grande oceanógrafa, exploradora e doutora Silvia Earle. Na capa está dizendo que os plásticos não são necessariamente ruins, o que conta é aquilo que fazemos ou não com ele.

Pra quem ainda não conseguiu ver a revista, logo de cara na reportagem da Laura Parker, ela coloca essas informações que estão bem pequenininhas, mas diz que a vida útil de uma sacola plástica é de 15 minutos. Inventamos o plástico há 150 anos e de todo material plástico produzido, até então, mais de 40% foi usado uma única vez e jogado fora. Uma única vez quase metade do plástico que foi produzido em todos esses 150 anos, foi usado apenas uma vez e jogado fora. Já começa com essa assustadora informação: são oito milhões de toneladas de plástico nos mares, todo ano. Daqui a pouco eu vou contar como é que foi feito esse cálculo.

Menos um quinto de todo o plástico é reaproveitado. Aí na foto a gente vê a capital

Dhaka, de Bangladesh, no Rio Buriganga essa coletora fica revirando esses plásticos, e o seu papel é ficar secando plástico, com o filho, pra depois vender para um repassador, reciclador que vai dar tratamento ou não, ou vender, enfim, quem sabe o que vai acontecer com esse plástico. Mas o chocante é pensar que todas as fotos que eu vou mostrar, porque essa é uma edição internacional foi traduzida para o Brasil, gente, essas fotos, pega qualquer lixão do Brasil, é situação é a mesma. Quem vai num lixão encontra essa situação. Então é uma edição global mesmo.

Então, repetindo: apenas um quinto de todo plástico é reaproveitado. Na narrativa da repórter da Laura Parker, ela vai contando do plástico passivo - como o João gosta de dizer, tenho aprendido muito com ele nessa questão do ativismo, da comunicação - que é aquele que já foi produzido, que fica boiando por aí e não é tratado. A combinação de ondas com a radiação solar produz a fragmentação, e como o João estava contando, transformando-os em minúsculos pedaços de plástico. E aí o que vai acontecer quando são ingeridos por peixes, quando a gente acaba ingerindo esse material? Tem toda uma narrativa proposta pela autora nessa reportagem.

Trouxe aqui uma imagem da revista *Life*, de 1955, todo mundo celebrando: temos muitos descartáveis. Os anos 50 foram realmente fator de mudança no consumo e na produção de plástico. Por isso essa revista é muito emblemática. Estava todo mundo feliz, e quer ver como a gente está hoje? Esta é a capital mundial das bugigangas, na China. São 70.000 espaços como esses que vendem de tudo, e vocês possam imaginar, tudo de plástico. E por que essas imagens são tão familiares? Porque esse material, em dois dias, está aqui; em três dias estará no oceano, se não for bem descartado. É uma loucura: a gente saltou de uma produção, em 1950, de dois milhões de toneladas de plástico, passando, em 1993, para 147 milhões; e hoje são produzidas 457 milhões de toneladas de plástico. Contando com aqueles outros dados dos quais que falei, foi usado só uma vez e descartado, de que quase nada vai para ciclagem, trazendo à discussão brasileira: nem 3% do que a gente produz dos 80 milhões

de toneladas é reciclado. Isso é bastante assustador.

Eu trouxe uma colinha porque são muitas informações e realmente essa associação, esse sentido em nossa vida é fundamental.

A revista traz um gráfico da história do plástico, o seu histórico. A gente vê que logo depois da 2ª Guerra ganhou muita força, e se imagina que para os aliados foi extremamente importante, já tinham paraquedas de nylon. Em termos de leveza, de preço, foi fundamental nesses tempos. No séc. XIX, chegou-se ao esgotamento do marfim, que era um material usado para muitas coisas, desde teclas de piano até bolas de bilhar, enfim. Chegou-se então, no meio do sec. XIX, à conclusão de que, opa, vai acabar o marfim, o que vamos fazer? Um empresário decidiu dar um prêmio de dez mil dólares pra quem inventasse um material que fosse mais simples, mais barato. Foi assim que se chegou primeiramente ao plástico de celuloide. Logo depois veio o petróleo, toda a indústria do petróleo, e se descobriu que o mesmo no processo de fazer o plástico do celuloide usando o petróleo, você teria um material mais barato ainda. Foi aí que vimos, a partir de 1950, esse boom do uso do plástico descartável. Então nessa revista vocês vão encontrar também essa história com esses gráficos, tudo muito importante.

Outro dado bastante chocante eu separei pra vocês. Nessa reportagem da National Geographic é tratada a sua produção. Todo plástico que foi fabricado teve essa concentração, essa alavancada nos últimos 15 anos. Ou seja, nós todos acompanhamos esse processo. Como é que a gente não se deu conta de tudo isso para o seu um melhor uso?

Aqui está bem pequeno, mas eu acho que quando você estiver com a revista em mãos ou no *site* da *National Geographic Brasil*, a análise é bastante interessante.

É bem a noção, a ideia da proporção do lixo plástico que acaba no mar. Aqui a gente tem a questão das ilhas do pacífico, são exatamente as imagens que vocês já viram, vocês sabem que há essas ilhas. Embaixo tratamos da questão do Brasil, do lixo, muito do que você falou João, do lixo do microplástico: 90% do lixo que está nos oceanos é microplástico. A

gente não vê, mas estima que seja.

Há também a questão dos produtos de beleza, que o João aplicou. Essa questão de produtos do nosso consumo diário dá para gente observar e reduzir, pensar num melhor consumo.

Seguindo: uma pesquisadora ouvida pela reportagem, da Universidade da Geórgia chegou nesse dado de oito milhões de toneladas no mar. Como ela conseguiu chegar nessa estimativa? De 5 a 12 milhões de toneladas de resíduos chegam ao mar, esse era o dado, por cima, que ela tinha. Em cada metro de costa de todo Planeta, em cada metro 15 sacolinhas cheias de plástico, repito: 15 sacolas plásticas cheias de plástico. A somatória de tudo seria a média do que a gente está jogando no mar, anualmente, que seria os oito milhões de toneladas. Pra tudo isso sumir, é preciso esperar, em média 450 anos, pra sumir visualmente porque tem a questão do nano e do microplástico, ainda permanece essa poluição. São desafios bastante importantes que a gente está vivendo neste Planeta em transformação.

Outro ponto desse gráfico que eu destaco: Leandra, Fernanda e o João falaram sobre o plástico no mar. Não é que a gente vai lá e joga, está num barco e joga no mar, ou está na praia e joga no mar. Grande parte vai pelos rios. Todo o rio que vai dar no mar, vai levar uma carga plástica muito grande. Os rios são as principais vias pelas quais o lixo plástico chega ao mar, e 15 dos 20 piores rios poluídos estão em países asiáticos, e aí a gente vê a produção. A Revista mostra que, nos 15 anos em que se concentrou essa produção de plástico, a maioria vem dos países asiáticos, que são também as grandes vítimas quanto à reciclagem. Quando você não tem nenhum tipo de trabalho, de política pública nesse sentido, que é o que acontece em grande parte desses países asiáticos, você tem toda uma nação sendo afogada por plástico e que nem sempre foi consumido lá.

Agora vou entrar rapidamente na questão no microplástico, acho que o João falou muito bem, mas eu vou contar um pouco da história do termo, que é como está retratado na Revista. O termo apareceu em 2004 num artigo de um ecologista marinho, britânico, chamado

Richard Thompson. Ele teve um *insight*, é bem interessante essa história. Em 1993, estudando ainda, foi acompanhar uma limpeza de praias. Naquele ano tinha tido uma alta de produção de embalagens. Então eles acharam especificamente que haveria 147 milhões de toneladas de embalagem. E quando foram fazer essa limpeza de praia, olharam e falaram: poxa, vamos encontrar muito plástico pra tudo quanto é lado. Pelo contrário, encontraram muito pouco. Então o *insight* que teve foi: caramba, cadê esse plástico, onde está esse plástico? Ele olhou pra areia e encontrou o microplástico todo. Aquele que não via aparentemente na forma de embalagem tinha virado microplástico. Em 2004, em um artigo, falou da questão do microplástico, e não parou mais de estudar. Hoje a sua equipe está mostrando em um importante estudo que, além da ação da radiação solar e a ação das ondas, o microplástico surge a partir também dos anfípodes, que são micro camarões. Aí o seu estudo tá acompanhando, é uma atualização bem interessante, que os anfípodes comem e transformam uma sacola plástica em 1,75 milhões de fragmentos, ou seja, essa cadeia marinha também está influenciando na criação de microplástico, o que é assustador, bem assustador.

Continuando, há mais dados que poderiam ser aqui no Brasil. É mais imagem do Rio Buriganga, em Bangladesh.

A presença do microplástico foi encontrado em todos os pontos do oceano. Esse é outro dado importante que também estava naquele gráfico. Em absolutamente todo o Planeta foi encontrado microplástico, não temos pra onde fugir.

Há também um gráfico mostrando que os lugares mais paradisíacos estão sendo também muito afetados, já estão sufocados em algumas partes. A repórter Laura Parker conta de uma visita que ela fez a uma praia inacessível no Havaí, e também não encontrou plástico aparente, mais ficou muito chocada ao perceber, ao pisar que fazia um barulho crocante, e quando ela olha debaixo da areia, está totalmente tomada por microplásticos, numa praia do Havaí, deserta. Esse gráfico nos mostra isso, tanto é que é chamado de paraíso artificial, que são as grandes concentrações em lugares que são paradisíacos, que estão tomados pelo

plástico.

Agora vou passar pra questão dos animais que, em comunicação, a gente trabalha muito, serve muito pra questão da educação ambiental, muito provavelmente muitos dos netos, dos filhos de vocês já viram aquele vídeo da tartaruga, que é Leandra se referiu. E já conseguem falar: eu não quero mais plástico porque mata tartaruga.

Essa imagem mostra um pouco do problema das redes, que é um problema de plástico bastante grande. O pessoal da ong fez, tem um vídeo bem assustador da semana passada. Colocam cinco tartarugas verdes mortas por redes de malha e tudo muito próximo da costa, ou seja, duplamente ilegal. Além de uma rede abandonada, a rede muito próxima da costa matando cinco tartarugas verdes, grandes, sei lá que idade tinham. (Pausa) Eram juvenis. É bastante chocante. Essa foto espelha um pouco mais, é do Jordi Chias, feita na Espanha. São milhões de mortes de animais por ano. A reportagem mostra que, pelo menos, 700 espécies e algumas ameaçadas de extinção por redes, são responsáveis por 10% do plástico que fica boiando por aí. E a situação vai se agravando, enquanto você não tira aquela rede arrastando animais por aí... O equilíbrio marinho depende também de uma fauna equilibrada. Só lembrando, 60% da respiração, do oxigênio que a gente tem hoje, está tudo ligado.

O Ted Siegler, economista, foi ouvido e falou uma coisa bastante emblemática nessa reportagem: a gente está falando de um problema que tem solução, não estamos falando de mudança climática que requer novos estudos, que requer novos aperfeiçoamentos de tecnologias. A gente já sabe qual é o problema, a gente sabe como agir, a gente já tem a solução, portanto. Então é questão de agir, animais de todos os tipos ingerem plástico e, além de uma boa comunicação, de uma boa imagem, dá pra fazer muita coisa.

Vocês devem ter visto essa imagem circulando também nas redes sociais, está na reportagem. Essa é do Justin Hoffman, feita em uma ilha da Indonésia e os cavalos marinhos são animais que precisam se agarrar. Eles estão sempre na corrente e precisam se agarrar e,

nesse caso, Justin pode encontrar. Ele disse que é a foto que ele nunca queria ter feito, mas é um símbolo, mesmo, de nossa sociedade hoje de consumo. E é um animal que não tem nada a ver com a história, sendo impactado dessa maneira. É uma imagem bastante forte para deixarmos dessa mensagem. Igualmente a essa foto, feita em um aterro na Espanha. O fotógrafo claro que livrou a garça desse plástico, mas fica o raciocínio, né, porque esse plástico estando ali, com essa garça, ela pode vir a morrer e o plástico vai continuar lá. O bicho vai virar carcaça, vai se degradar naturalmente, mas o plástico vai continuar sufocando ali. É assustadora essa imagem se você for pensar justamente no largo prazo, no passivo que o plástico tem.

Essas são hienas, na Etiópia, também em um lixão totalmente tomado por plástico. Também estão na revista.

Por fim, a revista trata de dois temas importantes: soluções e arte, esta última como forma de sensibilização, e os estudos com relação à influência do microplástico em nossas vidas e em nossa saúde.

Como o João também já colocou, não existem estudos conclusivos, até porque estamos rodeados de plástico. Estamos tomados por plástico. Ainda não existem estudos conclusivos, mas, sim, existe a evidência de que estamos expostos à toxicidade do plástico – em sua produção -, ou de tudo que ele via absorvendo estando em um ambiente por bastante tempo.

E, aí, como conter a onda plástica? Foram colocados muitos exemplos que vão muito nessa linha do que já foi apresentado, aqui, pela Fernanda, pelo João e Leandra, que é, em primeiro lugar, evitar. Se é um plástico descartável, o que custa evitar, né. Tem uma imagem muito engraçada, que uma amiga me mandou, falando isso: qual é a dificuldade que temos de colocar, subir ou descer, né, que é a questão principalmente do canudo.

O resumo da ópera é um trabalho massivo, de recolhimento do lixo que já está no ambiente e evitar que coloquemos mais plástico no ambiente. E, aí, eu só queria encerrar com

uma – até acrescentando para o debate do plástico de um único uso -,... eu sou jornalista ambiental há 20 anos. Por 10 anos eu coordenei um projeto de educação ambiental pelo rádio, na rádio Eldorado, chamado *Pintou Limpeza*. Esse projeto foi bastante premiado. Conseguíamos falar de maneira mais agradável, para as pessoas, de como é a responsabilidade de cada um no consumo, no pós-consumo. Isso tem de ser colocado de maneira simpática, para que consigamos transformações. Mas houve um momento, que eu queria trazer para cá a fim de pensarmos, já que estamos participando da criação de um movimento, bastante emblemático sobre o pensamento comum das pessoas. Estava em discussão aqui, em São Paulo, a questão da sacolinha e eu botei lá um monte de boletins: “Vamos proibir as sacolinhas”, e eu comecei a receber uma série de ligações, de ouvintes bastante irritados com relação ao direito de usarem as sacolinhas. O argumento que me assustou foi esse: “Eu tenho o meu direito. Eu vou ao supermercado e eu quero a minha sacolinha, porque é o meu direito”. E eu falava: “Mas, meu senhor, minha senhora, o direito a quê? A ter o plástico? O que você vai fazer com isso?”

Enfim, eu queria trazer só essa história para pensarmos em uma comunicação realmente efetiva. Por isso que eu escrevi em meu artigo. Eu trago um pouco da realidade brasileira. O Ronaldo me pediu para que trouxéssemos também a discussão aqui para o Brasil. Vocês bem sabem a situação da política nacional de resíduos sólidos. Há quatro anos nós tínhamos de ter extinguido os lixões, e passou batido. E assim seguimos: passando batido por uma série de etapas que a lei previa. Mas ela está aí. Nós temos argumentos legais para fazermos as coisas.

Então, como foi muito bem colocado na revista, o que já sabemos é o que basta para agirmos. E eu estou especialmente empolgada por estarmos neste momento, hoje, de podermos discutir algo tão emblemático como um canudinho, mas que pode abrir uma porteira para uma série de outros plásticos que não são necessários.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – Muito obrigado, Paulina e Ronaldo, pela colaboração. A revista veio no momento certo, no momento exato.

Os Srs. Vereadores Fabio Riva e Gilson Barreto precisam ir para outras comissões, aqui na Casa. Então, agradeço a presença de V.Exas.

Agora, passarei a palavra aos Srs. Vereadores para que possamos dar prosseguimento.

O SR. GILSON BARRETO – Agradeço a V.Exa. e parabenizo-o pela iniciativa desse PL. Espero que esse projeto de lei seja encaminhado, posteriormente, às Comissões e que não aconteça o que aconteceu com um projeto de minha autoria. O projeto era de 1995 e só foi aprovado em 2001. Ficou sendo discutido, nesta Casa, por seis anos. Refiro-me ao projeto que disciplinou o recolhimento de pilhas, baterias e congêneres. Esse projeto, hoje, é lei e, para mim, é muito gratificante. Devo dizer que não tive a mesma sorte com o projeto que disciplinava o recolhimento de tintas e vernizes, que não foi sancionado, assim como o projeto que disciplinava o recolhimento de medicamentos vencidos e sobras, que também foi vetado.

Enfim, vários projetos foram apresentados no decorrer do mandato. Aqui na Câmara Municipal de São Paulo, temos vários Srs. Vereadores que se preocupam com essa questão do meio ambiente. Portanto, me somo à V.Exa. a esse projeto, a fim de realizemos, inclusive, uma reunião conjunta das Comissões para que haja a aprovação desse projeto o mais rápido possível.

Agora, quanto a essa questão, eu acho que a política pública é onde está a questão. Digo isso porque em nossa cidade temos, hoje, somente 3% de reciclagem. Não existe uma política efetiva, principalmente dos governos municipais. São Paulo é uma cidade que poderia ampliar bem essa questão da reciclagem. Há as cooperativas de reciclagem, mas que são uma tristeza: deixam o pessoal ao Deus dar. Não existe investimento nem do Executivo, nem das empresas corresponsáveis pelo processo. Até traremos essa questão para ser discutida na Comissão, porque, hoje, as cooperativas estão prestes a encerrar as suas

atividades, porque não existe uma ajuda efetiva do Executivo, um investimento efetivo para resolver essa questão.

Portanto, agradeço a V.Exa. e trarei mais contribuições para a próxima reunião desta Comissão.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – Nobre Vereador Gilson Barreto, muito obrigado pela colaboração. Uma coisa que o meu irmão Ricardo fala, e que tem a ver com os projetos de V.Exa. que não foram colocados ou votados ou aprovados: “A questão ambiental, no Brasil, é tratada como perfumaria”. E precisamos nos unir, nós do Legislativo, e fazer pressão para que possamos ser ouvidos nessa questão ambiental.

Tem a palavra, pela ordem, o nobre Vereador Fabio Riva.

O SR. FABIO RIVA – Sr. Presidente, parabênzo V.Exa. por esta audiência pública, por este movimento e, principalmente, pelas pessoas que vieram contribuir com as informações acerca dessa problemática do plástico, do microplástico, que, para mim, é algo confesso – até porque a minha seara é movimento de moradia. Desde o convite do nobre Vereador Reginaldo Tripoli para que eu participasse desta Comissão, eu tenho discutido muito a respeito. E devo dizer que o nobre Vereador Reginaldo, assim como a Vereadora Soninha, os Vereadores Gilson, David Soares e Natalini são grandes parceiros. Muitas vezes, o movimento de moradia, por conta da questão ambiental, é muito discriminado. Muitas vezes, colocam os movimentos e a própria moradia popular como partes conflitantes com o meio ambiente. E não são, muito pelo contrário. São complementares. As ações de moradia e de meio ambiente precisam ser mais integradas e o papel de cada um de nós, aqui - e principalmente o meu, no sentido dessa conscientização dos movimentos, dos conjuntos habitacionais – passam por esse interesse em entender que o nosso lixo, o lixo, o resíduo plástico dessas comunidades precisam ter um tratamento especial.

Então, nesse sentido, eu não sou um *expert* no assunto e até dei uma pesquisada

aqui, de forma muito rápida, sobre o tema, mas acho que podemos propor que esta Comissão estude a regulamentação específica para instituir a logística reversa de cada material – plástico, papel. Enfim, acho que podemos aqui, de uma forma ou de outra, fazer essa contribuição para que o tema deixe de ser uma questão de perfume e passe a ser considerada uma questão essencial, que é, para as nossas vidas, de forma geral.

Portanto, parabênzo e agradeço o convite e a amizade. Aqui, além do trabalho parlamentar, temos uma relação de amizade com alguns Vereadores e posso dizer que V.Exa., Vereador Reginaldo Tripoli, é um grande amigo nosso, meu, nesta Casa.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – Muito obrigado, nobre Vereador Fabio Riva. Tenho um prazer imenso em estar com vocês.

Tem a palavra a nobre Vereadora Soninha Francine. (Pausa) Fala depois.

Agradeço a presença dos integrantes do Minha Sampa, que estão lançando, no Rio, o movimento que se chama “Meu Rio por um rio sem plástico”. Vieram, aqui, para colaborar. É um prazer estarmos minutos e com o eu falei, no início, sem partido, sem política, sem nome: *#ultimocanudo*, para que possamos chamar a atenção para o problema e daí, sim, fazer um grande movimento neste país, a fim de melhorarmos essa situação, que é lastimável e muito difícil.

Obrigado pela presença, Carolina.

Chamarei os dois inscritos.

Tammy, do Instituto Argonauta.

A SRA. TAMMY ALBUQUERQUE BALÁVIO – Boa tarde. Eu sou a Tammy Albuquerque Balávio, do Instituto Argonauta, que é uma ONG que atua com a conservação costeira e marinha no litoral Norte de São Paulo, desde 1998. Então, atuamos com o resgate de fauna e, também, com a questão do lixo marinho.

Nos últimos dois anos, estamos executando o projeto de monitoramento de praias,

que é uma condicionante da etapa 1 do pré-sal. Então, todos os dias, temos técnicos na maioria das praias do litoral Norte de São Paulo procurando animais para serem resgatados – vivos ou mortos, porque daí vai se analisar a causa da morte.

Nesses últimos dois anos, resgatamos cerca de 3 mil animais, entre árvores, tartarugas e mamíferos marinhos. Cerca de 14% das aves tinham resíduos plásticos em seu trato gástrico. Com as tartarugas, o cenário é bem pior: cerca de 35% delas. E, nos mamíferos marinhos, cerca de 18%. Então, o plástico interage muito com a fauna marinha. E isso é um problema, como bem já foi mostrado por todos vocês. E é um problema para a nossa saúde também, porque somos o topo da cadeia alimentar e, portanto, temos uma maior quantidade de toxinas em nosso corpo.

Além do trabalho com os animais, o Instituto recolhe lixo das praias todos os dias. Então, em dois anos, nós recolhemos 14 toneladas, sendo que 80% é plástico. Assim como vocês falaram, todo o plástico, mesmo o jogado nos grandes centros urbanos, uma hora vai parar no mar. Então, o Instituto Argonauta apoia esse PL, porque é simbólico para a causa, destinando corretamente os plásticos, tanto nos grandes centros urbanos, como da zona costeira.

Então, estamos aqui para apoiar e esperamos que esse projeto sirva de exemplo para outras cidades, principalmente as das zonas costeiras.

É isso. Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – Obrigado pela contribuição, Tammy. Espero que você volte a esta Casa para falar sobre os seus projetos, a fim de que possamos ajudar também.

Agradeço a presença do nobre Vereador André Santos.

Tem a palavra o Sr. Arlindo Amaro, Arquiteto.

O SR. ARLINDO AMARO – Boa tarde a todos.

Meu nome é Arlindo Amaro. Sou morador da região do Ipiranga.

Parabéns à Mesa por este projeto.

Farei algumas considerações a respeito da questão de políticas públicas. Fala-se tanto em política pública, mas não vemos as ações em prática, que são ações do Governo com a sociedade. Temos leis federais sobre o meio ambiente, saneamento, resíduo sólido, mas não as vemos em prática. Até brincamos e falamos que se trata de uma lei que não colou, que não pegou. Por que essas leis não pegam? Por que essas leis não vão avante? É pela falta de fiscalização? Pela falta de controle do Governo?

Hoje, temos na cidade de São Paulo, na região metropolitana, 3.500 quilômetros de córregos e rios poluídos. Temos 4.800 favelas dentro da região metropolitana e, na cidade de São Paulo, temos 2.500 favelas. Como se fará o saneamento ou a retirada desses plásticos? Eu sou do tempo que se ia à padaria e levava um recipiente para trazer o pãozinho. E, hoje, o cidadão vai à padaria, como foi dito aqui, e exige que se dê o saquinho plástico que, depois de cinco minutos, é jogado no lixo.

Eu vou à feira, mas eu compro os produtos mais pesados antes e os jogo na parte inferior do meu carrinho. É questão de bom senso. Eu fui ao banheiro agora há pouco, vi um cidadão puxando um monte de papel. Eu falei: “Acho que ele vai é tomar banho num desses banheiros da Câmara Municipal”. Um senhor de gravata. Aí você fala: “Será que é educação ou é bom senso, respeito ao meio ambiente?” Acho que cabe às 32 prefeituras regionais fazer uma audiência pública nas regionais para que se conscientize essa sociedade, de modo geral, independentemente do seu grau de conscientização, para que jogue o lixo no lixo. E responsabilizar o cidadão na produção desse produto. Quem é o responsável pela produção de pneus? A empresa produz o pneu e o cidadão joga por aí. Então acho que todos, principalmente o produtor, deveria ser responsabilizado pelo Poder Público, algo que não vemos. É simplesmente uma lei que não pegou, como falou o caso da pilha e outros resíduos. Precisa ter uma ação mais efetiva do Poder Público na participação e fiscalização, porque isso tem que ser diariamente, senão a gente não vai conseguir resolver isso.

Muito obrigado. Até breve. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – Passo a palavra à Vereadora Soninha.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Obrigada, Sr. Presidente. Parabéns pelo evento maravilhoso, baita mesa, baita plateia. Quero fazer algumas considerações.

A primeira consideração é sobre o plástico: demonizar ou não demonizar o plástico.

Philippe Starck, um designer superfamoso, badalado, tem uma campanha contra o uso de petróleo como combustível. Como ele é artista, ele exagera um pouco as coisas, mas é muito interessante o ponto de vista dele. Ele fala que a pior coisa que se faz com o petróleo é queimar. Dá um trabalho desgraçado para obter um baita de um impacto, para processar, e queimamos como combustível, havendo alternativas?

Um dos melhores usos do petróleo é o plástico. O plástico, sim, substitui com vantagem muitos outros recursos naturais. Substitui o marfim; substitui, com muitas vantagens, a madeira; substitui aço e metal, pelas suas características, pela sua durabilidade, pelo seu peso. Então barateia muito as coisas na cadeia produtiva, de forma a economizar também muitos recursos naturais. Mas isso desde que tenhamos petróleo suficiente para usar o plástico como uso duradouro. Essa é a vantagem dele. E aí pensar no plástico de utilização única, sem nenhuma razão. Não é porque é o descartável hospitalar, é porque realmente só precisamos dele por alguns segundos, é um baita desperdício. Absurdo.

Nesse sentido, tem um slide só que eu queria mudar dessas apresentações. Aquele infográfico que mostra o ciclo de vida: a primeira flechinha é o tempo para produzir um canudo. Um minuto. Não, o tempo para produzir um canudo é de semanas, desde que o petróleo foi extraído das profundezas terrestres ou marinhas. Quer dizer, houve muito trabalho, foram consumidos muitos e muitos recursos para produzir um canudo, não é um minuto, e daí você usa durante alguns segundos e se desfaz dele. Então esse é o único ponto que precisamos lembrar: para o petróleo virar um canudinho é um processo de um impacto brutal, de um custo altíssimo. Tá, tudo bem, com um pouquinho de petróleo você faz milhares de canudos. Mas

não importa, porque o que custa é muito mais do que um minuto de produção. Não dá para dividir a fatia de quantos milhares de canudos saíram da linha de montagem em uma hora. Talvez, na conta da linha de montagem, sejam necessários apenas segundos para se produzir um canudo, mas o tempo que levou até o petróleo virar canudo foi muito mais do que o tempo que a gente vai utilizar para utilizá-lo.

Outro comentário sobre as apresentações: a informação sobre quantos não separam o lixo até me surpreende, porque são quatro em dez que não separam o lixo. Eu achava que era pior. Significa que a maioria separa. Mas o resultado disso, o efeito disso, ainda é muito pequeno em relação ao impacto do que foi e do que não foi reciclado. Sabemos que separar é só uma das partes necessárias para que o material separado realmente tenha o destino que a gente deseja. Mas eu lembro, uma vez, nos anos 80, uma bióloga foi à MTV dar uma palestra sobre reciclagem. E duas coisas que ela falou eu uso até hoje. Ela contou que eles tinham implantado um projeto de reciclagem numa aldeia de pescadores em Ubatuba. Conscientizaram o pessoal, sem muita dificuldade. Eles eram sensíveis já, foi fácil mostrar o impacto do descarte errado no meio ambiente. E eles passaram a fazer coleta seletiva na aldeia. Aí, quando eles iam para outras cidades que não tinham coleta seletiva, eles levavam o lixo de volta para a sua casa, que é uma coisa que a gente não faz. Você vai para o litoral e não se preocupa de saber qual vai ser o destino final do que descartamos. Mesmo quem descarta certo. Descartar errado é jogar na areia, jogar no mar. Mas, mesmo quem descarta certo, a gente não sabe o que a cidade faz com o nosso lixo depois de descartado. Mal e mal sabemos da cidade onde moramos quanto mais das cidades que visitamos. Então eu lembro que eu, que já era catadora de lixo, quando eu soube dos pescadores que desciam a serra de Ubatuba de ônibus, levando de volta o lixo na sacola, o lixo da festa de casamento que eles tinham ido. Tipo, o lixo era deles, eles eram responsáveis por aquilo. Então foi algo muito impactante. Ela também perguntou para a plateia da MTV? “Quem aqui separa o lixo?” E, aí, uns cinco ou seis levantaram a mão, orgulhosos. Aí ela falou assim: “Não precisa”. Aí eu falei:

“Filha da mãe, ela vai destruir todo o nosso trabalho até aqui”. Ela falou “não, não precisa separar, é só não misturar. Você por acaso guarda meia na geladeira? Você coloca bife na gaveta de roupa? Então por que você mistura tudo na hora de jogar fora? É só não misturar”. Achei legal a pegada dela. E, realmente, quando você começa a prestar atenção e separar, você ver uma latinha ou um plástico ou um vidro no meio de lixo orgânico é como se você estivesse vendo um relógio. Está fora do lugar; o lugar daquilo não é no meio daquelas outras matérias todas. Então o bom da questão de plástico e lixo é que sensibilizar não é tão difícil. Por exemplo, o tal do “meu direito de andar de carro” é mais difícil. Mexeu com o direito de andar de carro, nossa senhora. Fábio Feldman teve até ameaça de morte quanto inventou o rodízio de automóvel. Mas nesse caso, do descarte, do uso desnecessário do plástico – por exemplo, do canudo -, não é tão difícil assim sensibilizar as pessoas. Não é um sacrifício tão grande. Não é usar o plástico. E não é um hábito tão difícil de incorporar e dizer: “Sem canudo, por favor”. E se a gente começar a dizer, influencia. É uma coisa que vai alastrar fácil. A imagem no Whatsapp; e dizer no restaurante, dizer no delivery: “não, não, sem canudo, por favor”. Como nós já nos acostumamos, muita gente, ainda bem, a dizer: “Sem sacolinha, por favor”. Imaginou se eles perguntassem se as pessoas querem sacolinha? Muitas iriam responder que não. Mas na maioria dos lugares é automático, já vem embalado. E o maldito canudo, que vem embalado, um a um, em plástico, a pretexto de higiene? Então podemos incorporar esse hábito. Não é nenhum sacrifício recusar o canudo. É fácil sensibilizar, é fácil chamar a atenção para o quanto ele é desnecessário. E é fácil alastrar, fazer o contágio desse hábito de dizer: “não, não, minha laranjada é sem gelo, sem açúcar e sem canudo, por favor.” Acho que somos capazes de incorporar isso facilmente.

Sobre o projeto de lei, achei legal quando o Xexéu disse: “Eu ia fazer lei, mas não vou mais”. Também entendo o outro lado, de dizer: “Não, tem que ter lei, tem que passar, tem que votar, tem que botar isso em pauta de outro jeito”. Mas eu até peguei uma lei aqui de exemplo.

Vocês sabiam que quem não recolher o cocô do seu cachorro pode pagar uma multa de dez reais? É a lei 13.131 de 2011, do Tripoli. É multa para quem não recolher o cocô do seu próprio cachorro. E o que tem funcionado, felizmente, cada vez mais? As pessoas se acostumarem, conscientização e educação. Sim, é bom ter lei, criar o buchicho, porque tem o seu valor e é interessante. Mas às vezes também pensamos que basta ter a lei para resolver. Ou as pessoas falam: “Ah, vocês primeiro fazem a lei, e, depois, querem vir me conscientizar”. E pegam raiva, e ficam de má vontade. Então muito bem.

Pode ser que façamos mesmo o debate, o buchicho, o barulho, a aprovação de um projeto de lei. Mas isso, de jeito nenhum, dispensar, ou sequer é melhor que as pessoas não usem canudo porque elas realmente não querem. Tipo tornar a lei desnecessária. Quem fiscalizaria isso? Provavelmente seriam os fiscais das subprefeituras. Eles têm 750 posturas para fiscalizar. Vai ser mais uma, duas. Vai ser a 753: “também não pode fornecer canudo”. O risco, inclusive, é a lei ser desmoralizada pela sua própria aplicação. Na Austrália é lei, e ela achou canudo em todos os lugares a que ela foi. Então eu acho que vale a pena o buchicho, vale a pena a pauta, sair no jornal, cria controvérsia, mas muito melhor do que a lei é as pessoas ficarem horrorizadas com para onde vai o canudo, e terem a certeza de que cada uma faz diferença, sim. É muito importante que as pessoas tenham essa certeza: que cada canudo recusado faz diferença, sim. A pior coisa que pode acontecer é achar que tanto faz – tanto faz votar ou não votar, tanto faz comparecer ou não comparecer, tanto faz usar um canudo ou não usar –, porque, nisso, todos nós temos que estar superimbuídos da necessidade de dizer para as pessoas: “claro que a sua atitude faz diferença, e cada um de nós é um elemento de um ecossistema, doméstico, de condomínio, de escola, de trabalho, e tem essa capacidade de irradiar essa atitude.

Parabéns a vocês todos.

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – Obrigado, Soninha, pela colaboração. É como eu havia falado: temos mesmo essa ideia de que a lei não é o melhor caminho. Mas

como estamos aqui e temos essa condição de movimentar. Hoje, estamos aqui na Comissão de Meio Ambiente porque nos tornamos vereadores eleitos pela população, então temos que usar, no bom sentido, esse momento, essa postura, para que possamos divulgar isso.

Antes de terminar, queria pedir para o João passar um videozinho, que ele não passou, e eu faço questão que ele possa mostrar para a gente.

- Exibição de audiovisual.

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – Bom ver isso. Nós somos o micro-organismo que vai dar continuidade a um movimento que vem de fora do país – o Brasil começou atrasado nesse movimento. É importantíssimo termos essa união.

Parabéns, João. Parabéns a todos vocês que fazem esse microtrabalho. Imagino a luta que foi para você reunir essas pessoas, fazer aquela camiseta, trazer o brinquedo lúdico. Eu imagino o trabalho que foi feito para isso.

Eu achei que eu tinha muita coisa para falar para vocês, mas eu não tenho nada para falar para vocês depois que esses quatro passaram por aqui. E aí eu resolvi encerrar essa reunião. Eu vou passar um videozinho, mas eu vou ler uma cartinha de duas crianças: do Caetano, de dez anos, e do João, irmãozinho dele, um pouco mais novo, com uns seis ou sete. Eu conheço os pais dessas crianças, são meus amigos. O pai deles trabalhou comigo no Capim Santo, quando eu tinha o restaurante aqui na Vila Madalena. E uma coincidência que aconteceu, uma historinha interessante: eles souberam que eu protocolei um projeto – através da mãe, da tia, do pai –, e aí eles escreveram uma carta para a escola, e depois mandaram para mim. [voz embargada] Aí eu pedi para eles fazerem um vídeo sobre a carta que eles mandaram para a gente. Vou ler exatamente como eles pensaram.

“Hoje estou aqui para falar para vocês sobre um assunto chamado ecologia. Ecologia é cuidar do meio ambiente, que nós estamos, cada vez mais, degradando. Uma

causa disso é o plástico, um material que demora anos para ser dissolvido na natureza. O canudinho, por exemplo, é um material que é utilizado numa quantidade absurda. O Vereador Reginaldo Tripoli criou uma lei que restringe o uso do canudinho de plástico na cidade de São Paulo. A lei só precisa ser aprovada. O McDonald's, por exemplo, usa 500 mil canudinhos por unidade e oito milhões e meio a marca inteira. Ainda bem que até a maior franquia de fastfood do mundo reconhece isso, pois, na Inglaterra, duas lojas do McDonald's proibiram canudinhos de plástico. Outro caso disso é o cotonete, um material que faz parte do cotidiano de muitos. O cabo do cotonete é de plástico. E ainda bem que inventaram o cotonete de papel, que é o mesmo, só que com o cabo de papel. O plástico já matou diversos animais aquáticos e terrestres, assim como as aves.

Aqui vai uma dica para colaborar com o meio ambiente: 1) sempre que for ao supermercado, usem uma sacola de nylon.”

— Eles acham que a sacola de nylon é biodegradável, mas é como eles escreveram, com as cabecinha dos meninos.

“Tenha, cada um, o seu próprio. Evite usar copos, talheres e pratos de plástico”.

Essa é a cartinha que o João e o Caetano mandaram para a escola. Eu não aguentei, né, gente. Criança, animal, essas coisas, pegam pesado. Então eu perguntei se eles queriam fazer um videozinho, uma selfezinha para mandar aqui para mim, e olha só o que esses moleques fizeram.

- Exibição audiovisual.

O SR. PRESIDENTE (Reginaldo Tripoli) – No gabinete, estamos fazemos um post falando do #últimocanudo, que é disponibilizado para todos, porque não tem nome de partido, de político, de ninguém. E isso eu peço que todos vocês compartilhem nas redes sociais, porque esse é um movimento nosso, não é um movimento meu, da Soninha, da Câmara ou de

quem quer que seja. Então peço o apoio de todos vocês, para que todos possam disseminar essa ideia da questão do uso plástico.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a presente audiência

Gente, de coração, muito obrigado. Vamos em frente. (Palmas)